



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NO AMBIENTE  
ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

**IARA BATISTA FOLHA**

**BRASÍLIA-DF, Setembro 2012**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NO AMBIENTE  
ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

**IARA BATISTA FOLHA**

**BRASÍLIA-DF, Setembro 2012**

**IARA BATISTA FOLHA**

## **A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)**  
**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues**  
**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**  
**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

**Brasília-DF, Setembro 2012.**

**IARA BATISTA FOLHA**

**A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NO AMBIENTE  
ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)**

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues**

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira**

**Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

**Brasília-DF, Setembro 2012.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar e pela força e determinação de querer vencer.

Ao meu pai (*in memoriam*) pelo amor, carinho por tudo que fez para eu chegar a algum lugar.

A minha Mãe por tudo que tem feito em toda a minha trajetória de vida.

Ao meu cunhado (José Francisco) e minha irmã (Fernanda Folha) que me deram um teto e todo suporte para que eu concluísse o curso, realmente se não fosse com ajuda deles não teria chegado até aqui.

A minha irmã e colega de aula (Fabiane Folha) pelo companheirismo de sempre.

Ao meu esposo (Herlan Serpa) pela paciência e compreensão nesses últimos semestres.

Aos restantes dos meus familiares, pelo carinho e compreensão nos momentos de ausência.

A todos os professores que já passaram pela minha trajetória acadêmica, sem a ajuda de vocês eu não teria chegado aqui.

À professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho, orientadora dedicada, paciente e competente, a qual compartilhou comigo leituras, discussões e reflexões, que muito contribuíram para a minha formação.

Aos funcionários e colegas da Faculdade de Educação, da UnB, os quais tive a oportunidade de conhecer e aprender muito neste período.

Às crianças com as quais estive durante este primeiro contato como professora, que me acolheram e contribuíram na construção do meu olhar pedagógico.

A Escola Classe 02 da Candangolândia, que abriu suas portas para mim e acreditou que eu seria capaz.

A professora regente (Ruth Cansado) que acreditou em mim, e possibilitou a realização do trabalho.

E a todos que fazem parte da minha história de vida, que compartilham comigo dos mesmos sonhos e ideais, que acreditam na construção de um mundo diferente e que vêem na educação uma possibilidade de auxílio nesta transformação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Em resumo o trabalho visa mostrar a importância de trabalhar a solidariedade no espaço escolar. Buscando desenvolver uma educação voltada para o respeito à vida e ao próximo, o amor, a dignidade humana e a igualdade de direitos. Uma educação que não seja pautada na competição, no individualismo e no egocentrismo, mas que seja alimentada por relações de reciprocidade, de respeito e compreensão. Desenvolvendo os princípios da Economia Solidária no ambiente escolar, e porque não, nas relações entre os sujeitos para uma troca de experiências e de ajuda mútua. O trabalho discorrerá das minhas experiências como graduanda no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) e também dos conceitos assimilados neste importante processo de formação como futura Pedagoga. Dando enfoque também as mais diversas situações que contribuíram para fomentar toda a confecção deste TFC (Trabalho Final de Curso). Em destaque as experiências em ambiente escolar e em trabalhos desenvolvidos nos Projetos.

Palavras-Chave: Economia Solidária; Educação; Solidariedade.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
Memorial.....	10
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
<b>MONOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA</b>	
<b>CAPÍTULO 1- Reflexões sobre a Economia Solidária na Educação.....</b>	<b>20</b>
1.1 A importância de uma educação para a solidariedade.....	25
<b>CAPÍTULO 2 – Experiências Pedagógicas na Escola.....</b>	<b>31</b>
2.1 Experiência Pedagógica na Escola Classe 02 da Candangolândia.....	31
2.2 Relatos da Observação em Sala de Aula.....	33
2.3 Experiência Pedagógica na Sala de Aula.....	39
2.4 Proposições de Melhoria da Prática Pedagógica.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>58</b>
Perspectivas Profissionais.....	61

## **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho é resultado de estudos decorrentes no processo de graduação que culminam diversas observações em uma escola pública, de ensino fundamental (séries iniciais). Tendo como objetivo refletir sobre as atividades pedagógicas ocasionadas pela observação ativa em uma instituição escolar, tendo a solidariedade como um processo educativo.

O presente trabalho está estruturado em três partes disposto da seguinte forma: a primeira parte é composta pelo memorial, no qual se apresenta toda a minha experiência escolar até chegar à Universidade;

A segunda parte está dividida em dois capítulos com o primeiro capítulo discorrendo a teorização do trabalho com autores que auxiliaram no desenvolvimento do trabalho.

O segundo capítulo apresentamos a caracterização do campo de estágio na escola com o relato das observações das aulas e a experiência pedagógica em sala de aula) e posteriormente apresentamos proposições de melhorias, com base no que foi trabalhado na prática em sala de aula.

Conclui-se o trabalho na terceira parte, em que apresento as minhas perspectivas para o futuro, o que almejo alcançar, após a conclusão do curso de pedagogia.



**PRIMEIRA PARTE**  
**MEMORIAL EDUCATIVO**

## MEMORIAL

A minha trajetória escolar inicia aos seis anos de idade na cidade de Monte Alegre, do Piauí. Onde nasci, e passei toda infância e adolescência. Só sai do lado dos meus pais quando fui aprovada no vestibular da UFT (Universidade Federal do Tocantins).

A minha trajetória escolar foi cheia de dificuldades, mas graças a minha força de vontade e a minha adorável família consegui superar as dificuldades e hoje chegar aqui, motivo de muito orgulho, não só para mim, mas para toda a minha família.

No ensino fundamental (séries iniciais) comecei a estudar na Escola José Alves Folha única instituição escolar que a cidade possuía. Permaneci nessa escola até a 2ª série quando os meus pais perceberam que não estávamos avançando em nenhum sentido. Então, com muito esforço juntamente com um dos meus irmãos que já trabalhava fora (São Paulo) conseguiram comprar uma casa em uma cidade próxima (Gilbués), com o objetivo de nos colocar em uma escola melhor, já que estávamos na segunda série e não sabíamos nada, nem escrever o próprio nome.

Com a compra da casa nos mudamos para a cidade de Gilbués (eu e meus 4 irmãos) meus pais continuaram, trabalhando no interior onde já moravam. O meu pai era aposentado e com este rendimento mantinha-nos estudando na cidade.

Chegando a escola Fausto Lustosa fui matriculada no 3º ano, mas como não estava alfabetizada voltei para o 1º ano. Foi quando as coisas começaram a melhorar principalmente no que tange ao aspecto educacional. Ficamos nessa cidade até o 4º ano, mas os meus pais já não estavam conseguindo nos manter na cidade, então voltamos para o interior de origem.

Nessa nova etapa já no ensino fundamental (séries finais), passei a estudar em outra cidade (Monte Alegre do Piauí) na Escola Nossa Senhora de Fátima. Saía todos os dias da casa dos meus pais, utilizava um transporte escolar disponibilizado pela prefeitura. Era um ônibus em péssimas condições, que levava uma quantidade muito grande de alunos, sem manutenção

nenhuma. Quase frequentemente este ônibus quebrava e ficávamos uma ou duas semanas sem ir à aula.

No ensino médio, passei a estudar na escola Hugo Napoleão. Continuei usando o mesmo transporte. Ficando um pouco mais difícil porque o ensino médio só era oferecido à noite e como era muito freqüente o ônibus quebrar, ficávamos sem poder voltar para casa. Pedíamos carona, mas era difícil conseguir e também muito arriscado.

Ao término do ensino médio passei a prestar vestibular, na primeira tentativa não obtive sucesso, mas muito aprendizado.

Logo em seguida a minha irmã que já morava no Estado do Tocantins aconselhou-me a tentar o vestibular de lá. Desloquei-me do Piauí e prestei o vestibular para cursar Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins. Cursei três semestres, mas o meu cunhado passou em um concurso aqui em Brasília. Esse momento foi desesperador chegava a pensar que depois de passar no vestibular de uma Universidade Federal iria ter que desistir do curso por não ter condições de me manter, na cidade (Arraias) já que também era como um interior. Sem oportunidade de trabalho, e meus pais também não tinham condição de manter eu e minha irmã estudando tão longe.

Meu cunhado aconselhou que tentássemos o processo de transferência facultativa para a UnB, ele pagou a nossa inscrição, mas para mim isso era um sonho muito distante, imaginava que não iria conseguir, pois iria concorrer com pessoas que passaram a vida toda estudando em escola particular.

Enfim fizemos a inscrição, conseguimos toda a documentação necessária e nos preparamos na medida do possível, já que era final de semestre e esse era sempre muito corrido.

A prova foi exatamente dia 12/07/2009, e a fiz sem muita esperança. No mesmo dia fui para a casa dos meus pais no Piauí. O resultado da prova saiu. Daí minha surpresa: fomos aprovadas. Esse foi um dos dias mais felizes da minha vida, foi uma conquista grandiosa. Recordo-me da alegria do meu pai que só tinha a quarta série, mas sabia o quanto era importante para gente essa aprovação. Então me abraçou. Olhei para o rosto dele e estava chorando de alegria, pois sabia que tudo que ele fez por nós, todas as dificuldades que

passamos juntos, estava tendo retorno positivo. E o mais importante é que ele sempre acreditou na gente e sabia que teríamos um futuro diferente do dele.

Realmente o meu pai foi maravilhoso. Muito rico em sabedoria, amigo, batalhador, feliz e soube passar muito bem para todos os seus filhos todas estas qualidades. Educando-nos para que pudéssemos ser pessoas honestas, verdadeiras e batalhadoras. Com muita simplicidade deu-nos o que estava ao seu alcance, o necessário, para sermos o que somos hoje.

A chegada à Faculdade de Educação não foi uma etapa fácil, as dificuldades foram muitas, já que na Universidade de origem era tudo diferente em relação a UnB (Universidade de Brasília). Foi apresentada a nós uma grade diferenciada, uma grade aberta, enquanto estávamos acostumados com uma grade fechada. Isto tudo era muito novo e não sabíamos como prosseguir. Então, consegui conversar com um funcionário, que trabalha no SAA e ele analisando minha documentação orientou-me a fazer o pedido de aproveitamento das disciplinas já cursadas na Universidade de origem. Ensinou-me a fazer a matrícula e como proceder para acompanhar o meu histórico e outras demais orientações que me ajudaram bastante.

No primeiro semestre passei momentos difíceis. Achei as pessoas muito individualistas. Cursei disciplinas com professores qualificados, mas que em nenhum momento procurava conhecer um pouco do seu aluno e acabava se dirigindo aos alunos como se fossemos todos iguais e tivéssemos as mesmas condições financeiras. Eu e minha irmã vivenciamos isso no primeiro semestre, a professora nos expôs em sala, a minha irmã chorou bastante foi horrível. Chorei, mas em casa, pois ficava destruída com essas situações chatas que me faziam sentir inferior em relação às outras pessoas, mas não dava esse gostinho para professor nenhum, poderia ficar triste chorar por dentro, mas não demonstrava.

Nesse primeiro semestre me matricularam no Projeto1 Orientação Acadêmica Integral (OAI) foi o meu primeiro contato com a professora Sônia Marise que pela primeira vez estava ministrando uma turma de calouros, ela estava muito empolgada e feliz por estar com essa turma.

Esse projeto para mim na situação que estava foi uma luz no fim do túnel, porque tratava da história da Universidade de Brasília, de toda trajetória, das lutas, das conquistas, do processo de construção. Foi através desse

projeto que me situei e que comecei a entender como funcionava a Faculdade de Educação, a professora nos explicou tudo passo a passo como funcionavam os projetos. Tinha uma paciência inexplicável para sentar com cada aluno, ouvir e tirar as dúvidas que eram muitas.

Nesse projeto trabalhamos de várias formas com seminários, dramatizações e várias outras atividades.

O projeto Orientação Acadêmica Integral destaco na minha formação, ajudou-me bastante e foi também nesse projeto que surgiu a admiração pela professora Sônia Marise, que me acompanhou nesse percurso desde o meu primeiro dia de aula, que conheceu e conhece a minha história, que levou em consideração a minha realidade e sempre esteve de prontidão para me ouvir, e em todo momento incentivou-me nessa caminhada.

No primeiro semestre de 2010 iniciei o projeto III. Nessa primeira fase tivemos maior parte dos encontros na Faculdade de Educação. Foram mais aulas teóricas em que formamos grupos nos quais alguns alunos foram para a instituição “Casa de Israel” que é um local de recuperação que abriga adolescentes com problemas com drogas. Outro grupo se deslocou para o Hospital HUB (Hospital Universitário de Brasília) que desenvolvia um trabalho com crianças que ficam a maior parte do tempo internados. Outro grupo, o qual eu fazia parte, deslocou-se para a Estrutural, onde tinha uma creche. Esta que não tinha nenhuma ajuda governamental e que funcionava com a contribuição das pessoas que se beneficiavam dela e outras pessoas que ajudavam voluntariamente.

Nessa creche fomos duas vezes. No primeiro momento foi para conhecermos o local e as pessoas que lá faziam um trabalho solidário. No segundo momento, depois de conhecermos o ambiente, este que estava em reforma, fomos com o objetivo de elaborar alguma atividade naquela localidade. Então chegamos à conclusão que iríamos fazer um bazar com objetivo de arrecadar fundos para também ajudarmos na revitalização da creche, para isso, contamos com a ajuda de toda a turma que estava no projeto III.

Tivemos resultado positivo. Conseguimos muitas roupas, calçados e bijuterias. Obtivemos uma contribuição significativa, pois toda a comunidade

participou. O restante do material doamos para as pessoas que trabalhavam na creche.

Essa primeira fase do projeto nos ajudou há conhecer um pouco mais sobre o mesmo, até mesmo para ajudar a nos identificar e analisar se iríamos dar sequência nos próximos projetos, pois a proposta da outra fase seria realizada na Associação Atlética de Santa Maria/DF.

No segundo semestre de 2010, o projeto passou a ser realizado em Santa Maria, iniciamos os encontros em uma escola no qual éramos recebidos por líderes de varias associações. Estes com interesses distintos, as associações eram: Associação Atlética de Santa Maria, Associação dos Feirantes, Associação do Condomínio Porto Rico. Esta ultima a qual tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais.

O Condomínio Porto Rico tem uma parte regularizada e outra não. A parte não regularizada é localizada em uma área de proteção ambiental e sem infra-estrutura nenhuma, o esgoto corre a céu aberto, não há encanação de água, nem eletricidade, não há coleta de lixo. No local residem setenta famílias em situações precárias.

No decorrer do projeto, conhecemos os representantes de cada uma das associações e a realidade colocada por cada um. Desenvolvemos atividades, discutimos, e com base nas discussões, juntamente com a comunidade elaboramos propostas de trabalho apoiadas nos princípios da economia solidária, cooperação, autogestão, solidariedade e viabilidade econômica. Tais propostas para serem trabalhadas no próximo semestre, já que estávamos finalizando o semestre de 2010.

No primeiro semestre de 2011, continuei com esta mesma temática no projeto IV fase 1. Fiquei muito empolgada com as propostas de trabalho que tinham sido planejadas para esse semestre. Mas nesse retorno surgiram várias mudanças, pois a única associação que permaneceu e permanece até hoje foi a Associação Atlética de Santa Maria. Esta que é liderada por Amparo, moradora de Santa Maria, que tem como objetivo ajudar pessoas carentes. Pois acredita no trabalho solidário voltado para o bem comum. Essa associação não ajuda somente crianças, mas também famílias e pessoas que enfrentam algum tipo de dificuldade.

Atualmente a associação passa por alguns problemas financeiros, já que conta com algumas parcerias que auxiliam com recurso financeiro, mas que nem sempre são suficientes para suprir todas as necessidades da mesma.

Na associação há cerca de 320 crianças com faixa etária de 6 a 12 anos, em condição bem diferenciada.

No decorrer do primeiro semestre de 2011, conhecemos alguns membros da comunidade que colaboram para a realização das atividades na associação: o Thiago que trabalha com informática com o objetivo de desenvolver cursos básicos de informática, estes que proporcionaram maior oportunidade de trabalho para a população beneficiada; a Nancy, monitora do curso de manicure, que auxilia mulheres a fazer unha por conta própria e ganhar seu próprio dinheiro sem serem exploradas por outra pessoa que seja detentora do capital; o Edilson, um senhor que desenvolve um trabalho de pintura em tecido, biscuit e com essa habilidade ensina as pessoas a desenvolverem esse trabalho e conseqüentemente conseguirem uma renda extra que auxilia no próprio sustento; o treinador de karatê juntamente com o treinador de futebol que ajuda muitos jovens e crianças a preencherem o seu tempo livre praticando esportes, com objetivo de tirá-los da rua o maior tempo possível.

Posterior a apresentação de cada membro, discutimos juntos algumas propostas, sempre levando em consideração a situação de cada grupo, para refletirmos como poderíamos ajudá-los a desenvolver melhor seus trabalhos, tendo sempre em foco o papel da Economia Solidária. Buscando assim trabalhar com uma educação voltada para o respeito à vida e ao próximo, o amor, a dignidade humana, a igualdade de direitos. Tendo como objetivo ensinar a esses sujeitos o valor do trabalho praticado em equipe, da troca de experiências, formando assim sujeitos críticos reflexivos que tenham autonomia e busquem por transformações não só políticas, mas também econômicas sociais e culturais.

Pensando ainda no trabalho da comunidade citado anteriormente, buscamos uma interação norteada nos princípios da economia solidária, nas trocas solidárias de experiências, no qual pessoas se reúnem e compartilham o trabalho que sabem com pessoas que precisam aprender modos de produção alternativos ao trabalho assalariado, pessoas que necessitam ou desejam

aprender outros modos de produzir fora, o que já possuem. Um trabalho em que todos compartilham algo do que sabem fazer, que proporciona troca de experiências e que gera renda.

No encontro seguinte, baseados nas propostas de trabalho, juntamente com a comunidade, dividimo-nos em grandes grupos. Em que alguns optaram pelo grupo de costura, outros para o grupo pintura, karatê, futebol e alfabetização (EJA). Cada pessoa se dirigia ao grupo que tinha mais afinidade.

Com base nas propostas desenvolvidas para os grupos, ao contrário do restante da turma, interessei-me em vivenciar um pouco a experiência em cada grupo de trabalho. Com o objetivo de verificar como estava acontecendo à relação de cooperação, de solidariedade, do trabalho mútuo entre os grupos e em que momento o grupo permitia a prática de um trabalho solidário, voltado para o bem comum.

No decorrer desse semestre também trabalhamos em prol da revitalização da associação, com o qual fizemos o mutirão solidário, juntamente com a comunidade. Já que contávamos com a presença de dois colegas que desenvolviam trabalhos de revitalização em escolas públicas, estes que nos auxiliariam na realização do trabalho.

Analizamos a situação da associação e fizemos o levantamento de todo material que iríamos precisar para iniciar os trabalhos. Boa parte desses materiais eram aproveitados, ou seja, eram objetos que já tinham sido utilizados e que estavam destinados a irem para o lixo como: caixote de madeira, que conseguimos em mercados, verdureiros, óleo de motor de carro que resgatamos em oficinas; e outros. O restante do material que precisaríamos tinham baixo custo, então cada aluno ficou responsável de contribuir com algo ou buscassem meios para conseguir doações em mercados, lojas e outros.

Com o material em mãos iniciamos os trabalhos. Estes que aconteciam durante todo o sábado. Nesses sábados que ficávamos o dia inteiro na associação nos organizamos para fazer o almoço comunitário. Em que cada aluno contribuía com uma quantia simbólica de cinco reais para a compra dos mantimentos necessários, para almoçarmos juntamente com as pessoas da comunidade que estavam empenhados no trabalho.



Ao término da revitalização da associação e findando o primeiro semestre de 2011, voltamos para as discussões nos grupos e fizemos uma análise geral de tudo que foi abordado e trabalhado ao longo do semestre. Ouvimos a opinião da comunidade a respeito dos trabalhos desenvolvidos e fechamos com proposições de melhorias para o próximo semestre.

Os trabalhos desenvolvidos foram bastante positivos, não só pela dimensão que estava tomando, mas principalmente pela satisfação de ver como aquelas pessoas cooperavam entre si. Eram solidárias e lutavam juntas por objetivos comuns. Estes que beneficiariam não somente os seus filhos, que ali estavam participando das atividades da associação, mas também as várias crianças que viriam futuramente a se beneficiar desse trabalho.

No segundo semestre de 2011, continuei no projeto IV, agora na fase 2. Nessa etapa optei em ir para a escola, querendo vivenciar a experiência em sala de aula, já que ainda não tinha adentrado ao ambiente de ensino propriamente dito. Como já tinha definido o tema do trabalho queria desenvolver essa experiência nos dois espaços, fazendo uma comparação entre o espaço escolar e o não escolar no que concerne o significado da solidariedade. Como funciona a questão da cooperação da relação do trabalho mútuo entre o grupo.

Essa fase do projeto foi realizada na Escola Classe 02, localizada na Candangolândia, na qual todas as observações foram voltadas para a questão da solidariedade e todas as oficinas foram desenvolvidas a partir dessas observações, com objetivo de proporcionar atividades solidárias com o grupo de sala de aula.

Em minha trajetória escolar superei vários obstáculos e o mais gratificante é poder dizer “eu sobrevivi”. Passei muitos momentos bons na universidade e adquiri muitos conhecimentos que irão fazer toda a diferença na minha vida pessoal e profissional.

Enfim, todos os obstáculos que superei e todos os ensinamentos que os meus pais me passaram, ajudaram-me a ser um ser humano melhor, capaz, mais perseverante, forte, sonhadora e acima de tudo solidária, pois acredito que essa é uma virtude que tem o poder de mudar a nossa sociedade que é tão injusta e individualista.

É por acreditar na importância da solidariedade para a relação do ser humano que escolhi o tema “A importância da solidariedade no ambiente escolar”, porque acredito que a solidariedade é uma virtude de grande relevância para a convivência do ser humano, por acreditar que a educação tem o poder de transformar o mundo e proporcionar dias melhores para as gerações futuras.

O tema escolhido é fundamental para ser trabalhado em sala de aula, já que desenvolve uma maior proximidade entre professor/aluno e proporciona o desenvolvimento de um indivíduo com espírito de crítico. Situando-o em sua realidade e com perspectiva de alterar mesma realidade de forma coletiva e autônoma no que concerne a procura do saber de cada sujeito.

Portanto a prática de uma educação voltada para os princípios da solidariedade é importante por que permite a adolescentes, jovens, adultos e idosos um processo educativo que favorece a socialização das crianças. Nesse aspecto o educador deve estar preparado para ser mediador desse processo, dentro da sala de aula, bem como a escola deve proporcionar condições da criança desenvolver a construção do conhecimento através do seu convívio social.

O Presente trabalho tem como objetivo compreender como são desenvolvidas as interações sociais, e por meio disso identificar qual é o significado do termo solidariedade na sala de aula. Mostrar para as crianças a importância da solidariedade para a relação do ser humano. Desenvolvendo atividades que priorizem a relação professor/aluno e aluno/aluno. Motivar as crianças a praticarem ações solidárias. E desenvolver atividades em equipe.

**SEGUNDA PARTE**  
**MONOGRAFIA**

**A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE NO AMBIENTE  
ESCOLAR: UMA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA**

## **CAPÍTULO 1**

### **REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA NA EDUCAÇÃO**

Neste capítulo apresentamos uma reflexão no que se refere à economia solidária na educação, tendo como objetivo mostrar a importância do tema e como este pode colaborar para a discussão na escola, em especial no ensino fundamental.

Em toda a trajetória da formação do curso de Pedagogia, são discutidas várias questões que se estendem desde o processo de ensino-aprendizagem, concepção humana, psicologia, antropologia, sociologia, cultura, chegando a abarcar os aspectos sociais, políticos e econômicos, estes que estão todos imersos no universo educativo. A concretização desse processo se dá através do diálogo, da interação e socialização, que proporcionam consolidações e diversas concepções pedagógicas.

De acordo com Pinto e Chaves (2007) a discussão da Economia Solidária em nosso país é nova apesar do Fórum Brasileiro de economia solidária já está atuando desde junho de 2003. Este que constitui uma representação Pública Nacional que propõem a organização e a elaboração de propostas ao desenvolvimento da Economia Solidária e a representação desde frente ao poder Público e as entidades nacionais e internacionais.

A discussão a respeito da Economia da Solidária é um tema novo trazido para o currículo de pedagogia que trabalha com os princípios da cooperação, solidariedade, diálogo, autogestão, e acima de tudo justiça. Trabalha com a vertente apoiada no trabalho coletivo, nas relações entre as pessoas e no laço de confiança que existe entre elas. Melhor dizendo, a economia solidária propõe um pensar e um agir fundamentado nesses valores, estes que questionam os valores trazidos pelo modo de produção capitalista.

Neste momento faz-se necessário uma sucinta explanação a respeito do conceito da economia solidária e como funciona esse trabalho.

De acordo com os documentos oficiais disponíveis no site do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). A Economia Solidária é “fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária”. Neste contexto, é enfatizada a importância dos valores culturais, que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Conforme Singer (2002) na empresa solidária todas as pessoas que nela trabalham são seus donos por igual, ou seja, todos compartilham do mesmo direito de decisão. E todos os donos necessariamente trabalham nela igualmente. Sendo que as relações sociais de produção, no interior da economia solidária são pautadas pela democracia na tomada de decisões, o que requer que todos tenham conhecimento do que está acontecendo na empresa, melhor dizendo, não podendo haver nem um tipo de segredo em relação aos negócios (fator este que marca as relações hierárquicas nas empresas capitalistas) no qual o proprietário fornece o meio e os instrumentos de produção e o empregado vende a sua força de trabalho para poder sobreviver com seus familiares, assim chamado opressor oprimido.

De acordo com Paulo Freire (2005) o opressor tem uma concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas, tendo o lucro como principal objetivo. *“Por isso é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos”.* (FREIRE, 2005.p.51)

Na empresa solidária as responsabilidades, a escolha de representantes de gestores e várias outras decisões que direta ou indiretamente possam afetar o próximo dentro da empresa sempre são tomadas em conjunto. Pois agindo dessa forma cada pessoa vai ser responsável por si própria e pelo próximo. Essa forma de trabalho proporcionará maior aumento do conhecimento mútuo das pessoas engajadas nesse trabalho e reforçará os laços de afetividade.

Para desenvolver a prática da economia solidária é necessário que cada pessoa adquira um comportamento social ajustado na solidariedade, não

mais pautado na competição. Para Gadotti apud Singer (2009) esse é o grande desafio pedagógico, pois as pessoas que passam do capitalismo à economia solidária foram educadas pela sociedade para ter laços de solidariedade apenas com os familiares, amigos companheiros de lutas, com pessoas com os quais tem mais vínculo afetivo e de confiança. Já no plano econômico prevalece sempre a competição o individualismo, o egoísmo e o desejo sempre de ter mais e explorar os menos favorecidos.

Tal discussão nos leva a certeza que para a prática da economia solidária acontecer de fato, faz-se necessário que as pessoas que foram educadas na prática do capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem que acontecer a partir da coletividade, pois ela deve ser de todos que participam da transição, do modo competitivo ao cooperativo.

Essa reeducação tem que ser feita com muito cuidado, pois se o indivíduo optar por adotar apenas o comportamento cooperativo em uma sociedade em que prevalece a competição sem dúvida alguma ele será esmagado economicamente, e se apenas se comportar competitivamente onde prevalece a economia solidária, ele será visto pelos demais como egoísta, individualista, desleal e será excluído do meio. Devido a isso essa reeducação representa um desafio, pois, têm que ser trabalhado os dois processos.

E para que esse aprendizado se concretize é necessária a prática, pois o comportamento econômico solidário só acontece quando é feito um trabalho mútuo, ou seja, varias práticas e tomadas coletivas de decisão, no qual a vivência é indispensável, para que as pessoas envolvidas no processo possam aprender o que deles esperam-se e o que devem esperar dos demais. Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* discute sobre a importância a do diálogo para a relação humana, principalmente nos trabalhos em grupos as pessoas que se sentem auto-suficientes, que acreditam que são competentes ao máximo de sobreviverem sem a ajuda do próximo não são capazes de se relacionarem uns com os outros de forma a buscarem mudanças significativas.

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncias do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber ser tão homem quanto os outros, é

que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais.

(FREIRE, 2005. p.93)

Portanto para Gadotti apud Singer (2009) a economia solidaria é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõem uma nova prática social e ao mesmo tempo dá um novo entendimento a essa nova prática. É uma nova forma de organização que necessita da colaboração e da cooperação de cada indivíduo. E para a construção e disseminação da economia solidaria é necessário a prática cotidianamente. E para alcançar esse nível, não é necessário ser membro de alguma cooperativa ou empreendimento solidário, pois esse tipo de ação é muito freqüente no campo das lutas de classes, especialmente dos subalternos e desprivilegiados.

Os menos favorecidos são os dominados que para lutarem por causas próprias e comuns se vêem obrigados a voltar-se contra os dominadores, estes que detém o poder e total capacidade de reprimir tais tipos de ação.

Na luta por melhorias a principal arma dos menos favorecidos (oprimidos) é a união, no qual um vai ajudando o outro e juntos vão superando as dificuldades que são diversas. E é devido a esses fatores que a solidariedade é ensinada aos mais fracos e subalternos, devido às condições de vida que levam isso também se aplica aos mais pobres que conseguem sobreviver graças á prática consistente da ajuda mútua que é modalidade essencial da solidariedade. Segundo Paulo Freire (2005, p.45) *“somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam”*.

Portanto para que aconteça a libertação da pessoa que está na situação de explorado, é necessário primeiramente que essa mesma pessoa se veja como oprimido, e a partir desse processo de libertação, quando ele abre os olhos e sai da situação de oprimido e se torna capaz de libertar os demais. Inclusive o opressor, este que não é capaz de se libertar porque não se vê como um escravo do capitalismo, mas sim como o patrão que tudo pode, e que concentra todo o poder de mandar e desmandar nos seus empregados, no

caso os oprimidos. Mas a libertação discutida por Freire (2005) está centrada no sentido de ajudar o outro a ver-se na posição de oprimido para que este possa se libertar da situação de explorado e seja independente, capaz de conseguir alcançar os seus objetivos por méritos próprios.

Findado esse segmento que trata sobre a economia solidária, apresenta-se uma reflexão, de como este tema pode ser articulado na escola, em especial, no ensino fundamental anos iniciais.

Inicialmente faz-se necessário mencionar que o grupo de sala de aula é um grupo dinâmico, diversificado no qual ocorre diversos processos de interação social, seja com o professor, com os grupos de estudos, com os funcionários da escola ou até mesmo em situações mais simples. O que se constata é que a relação do ser humano é diversificada com múltiplos níveis de interação social. E, nesse sentido, dá para fazer uma ligação com a questão da economia solidária, na qual é discutido o companheirismo, a cooperação, o respeito, e a autonomia.

Considerando-se o grupo de sala de aula, imagine se não houvesse a cooperação entre as pessoas envolvidas no processo de ensino aprendizagem, se as crianças não cooperassem em ouvir o professor ou mesmo se os professores não cooperassem em entender as crianças em suas várias fases de desenvolvimento, se todos os professores, em geral, não trabalhassem em equipe com os coordenadores, diretor, vice-diretor e toda a equipe constituinte da escola que cooperam para o trabalho a ser desenvolvido.

Se todas essas pessoas não trabalhassem em equipe e unidas não seria possível o processo de ensino-aprendizagem acontecer. Querendo ou não existe uma doação. As pessoas envolvidas no processo de educação direta ou indiretamente estão sendo solidárias para a concretização desse processo que beneficiará não somente as crianças que estão participando da aprendizagem, mas diversas pessoas futuramente. Pois a cooperação é o processo de interação social que mais contribui para a educação, mas que precisa ser mais incentivada pelos educadores através de atividades cooperativas.

Atualmente vivemos em uma sociedade no qual as crianças são educadas pelo sistema capitalista, essa competição as torna mais



individualistas e egoístas. Para Kruppa (2005) é nesse ponto que a escola trabalhando com a economia solidária desenvolverá um papel fundamental na formação dessas crianças, deixando claro que é possível trabalhar economia, mas uma economia solidária onde todas as partes sejam beneficiadas que ninguém explore, e nem saia explorado, que cresçam juntos, pois o ser humano para se desenvolver precisa do contato e da ajuda do próximo.

Na sequência apresentamos uma discussão a respeito da importância de se promover na escola uma educação para solidariedade.

### **1.1 A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE**

De acordo com o conceito apresentado pelo Dicionário Internacional de Economia Solidária Jean-Louis Laville (2009) o termo solidariedade nos remete a dois conceitos diferentes: solidariedade filantrópica e solidariedade democrática. Sendo impossível apresentar um conceito unificado.

A solidariedade filantrópica apresenta uma visão de uma sociedade ética, na qual ações de um indivíduo beneficiam os outros, ou seja, o indivíduo cumprem seus deveres uns com os outros de forma voluntária. Este tipo de solidariedade centra na questão da urgência da situação, na preservação da paz social, que tem como principal objetivo o alívio dos pobres. Tais atos são praticados por meio de ações paliativas que favorecem pessoas que estão em sofrimento.

Nesse aspecto a dádiva não proporciona ações que provoquem mudanças emancipatórias, para os beneficiados. Para Laville apud Ranci, (2009) o ato de ajudar o próximo visto como um elemento constitutivo da cidadania responsável acaba se transformando em uma ajuda sem reciprocidade, no qual a dádiva não é mutua e nem proporciona possibilidade de crescimento para o beneficiado, este que ficará sempre dependente do doador. A única contrapartida que é possível nessa relação é a gratidão por parte do beneficiado com quem faz a doação.

Nesse sentido essa relação pode converter-se em instrumento de dominação e poder, pois estabelece uma ajuda que não pode ser retribuída

pelos beneficiários. Estes que sempre ficaram na condição de receber algo, sem condições alguma de retribuir o ato.

Mas o que nos interessa não é aprofundar no que concerne o conceito de solidariedade filantrópica, tal abordagem é apenas para nos ajudar a diferenciar os dois conceitos apresentados. O foco é discutir sobre o segundo conceito que é a solidariedade como princípio de democratização. Esta que brota de ações coletivas da ajuda mútua, na qual ambas as partes se beneficiam e desta forma proporcionam mudanças significativas.

A solidariedade como princípio de democratização traz como princípio o trabalho em sociedade resultando em ações coletivas, que é baseada na ajuda mútua. Esta versão traz uma discussão focada na igualdade de direitos entre as pessoas, pressupondo a liberdade de acesso ao espaço público para todos os cidadãos.

Quanto ao conceito de solidariedade democrática. A solidariedade é um termo que Leroux introduz na filosofia com o objetivo de demarcar o vínculo social democrático da caridade. Segundo o autor “a natureza não criou um único ser para si mesmo [...] ela os criou uns para os outros e colocou entre eles uma solidariedade”. (LAVILLE, apud LEROUX 2009, p.310)

Para Gadotti (2009) a solidariedade nada tem a ver com a caridade. Não se trata apenas de doar algo para alguém e por meio desse ato aliviar a consciência. A solidariedade implica não apenas sentir o outro, mas compartilhar nossas vidas, nossos sonhos com os outros. Devido a isso a solidariedade precisa ser emancipatória, capaz de proporcionar mudanças, transformações, pois não basta “sofrer com” e não está presente nas mesmas lutas, na busca por melhorias, é preciso “estar com” compartilhar das mesmas buscas dos mesmos objetivos

Reitzenstein cita que:

“Solidariedade social deve significar ação social conjunta em que uma multiplicidade de pessoas empenha-se mutuamente, diante de uma contra ‘parte social’ a partir de uma situação de vida igual e conjunta e em função de objetivos comuns e iguais”.

(REITZENSTEIN apud ZOLL, 2007. p17)

Portanto para haver a prática de uma educação mais solidária é necessária uma transformação, na forma de ser pensar e agir das pessoas, mas uma transformação que não seja alimentada por interesses, mas por relações de reciprocidade, de respeito, de compreensão, da prática de igualdade de direitos e deveres, no qual prevaleça o respeito às diferenças peculiares de cada indivíduo.

O ensino fundamental (séries iniciais) é premissa para a nossa formação em todos os sentidos. Pois nessa fase a criança espelha-se muito no comportamento, no modo de ser das pessoas com quem convivem principalmente no espaço escolar, e as nossas atitudes refletiram de forma positiva ou não, na vida dessas crianças. Nesse aspecto há a necessidade de trabalhar virtudes, como: o respeito ao próximo, justiça, amizade e solidariedade que são valores necessários para a vivência humana. Além de serem princípios da democracia, são importantes para serem trabalhados no ambiente escolar.

A escola sendo um importante espaço de construção da democracia tem um papel importante, que é esclarecer, incentivar e praticar a democracia em sua vivência. Para que esse trabalho seja desenvolvido no ambiente escolar é necessário o engajamento e o envolvimento de todas as partes: docentes, discentes, familiares e da comunidade em geral, de forma a proporcionar em cada pessoa um sentimento de responsabilidade em relação ao grupo, de maneira que cada membro envolvido sinta-se na obrigação moral de apoiar e respeitar o outro.

A prática do ensino fundamental deve preparar a criança de modo que ela desenvolva uma imagem positiva de si mesma, seja mais autônoma confiante em suas capacidades e também reconheça as suas limitações.

E para esse processo acontecer de fato é fundamental a postura do educador. Faz-se necessário um cuidado maior ao se referir ao educando, a atenção dada ao modo de ser e fazer do mesmo sempre com cuidado de respeitar a sua cultura para em nenhum momento deixar a criança reprimida, pois a mesma precisa ser alto confiante e acreditar em si mesma.

Nesse sentido surgiu à necessidade de um educador bem preparado para lidar com as diversas situações do cotidiano, que saiba associar teoria e

prática, que desenvolva atividades priorizando valores como respeito às diferenças, a dignidade humana, solidariedade que são virtudes fundamentais para serem trabalhadas no ambiente escolar.

Nesse aspecto cabe ao do educador a tarefa de estimular as crianças e despertar nelas ações solidárias, estas que proporcionaram mais vínculos afetivos na relação do grupo, e possibilitará a prática da troca, de certa forma um aprender a doar mais. Pois são fatores importantes para o fortalecimento da auto-estima, e que ampliam gradativamente as possibilidades de comunicação e interação social.

Atualmente o que mais vivenciamos é uma escola com pouca interação social, no qual o diálogo entre professor/aluno é mínimo. A criança sente a necessidade da aproximação com o educador. A confiança entre educador e educando é fator fundamental para aprendizagem de ambas as partes, pois um aprende com a experiência a vivência, do outro havendo assim uma troca de conhecimento. Como elucida Paulo Freire (1996), o educador precisa ter a consciência que está conectado ao discente. Este que não pode ser considerado como um objeto e sempre acomodado. E por fim, que este mesmo discente possa sofrer uma interação e a interagir com o docente numa construção do aprender de ambos. Pois o educador que reconhece que é um eterno aprendiz e, portanto, inacabado em seu conhecimento é praticante de sempre estar melhorando e aprimorando o desenvolvimento deste conhecimento.

Essa discussão é reforçada por Galvão (1995) que menciona que a criança sente a necessidade da atenção do educador, esta tende a demonstrar e esforça-se para que o adulto tenha atenção destas necessidades. Esta demonstração para ser percebida remete a emoção que molda o ser na construção de si mesmo, aliado ao processo de educação que ocorre com experiência para com o outro e os objetos. O fator efetivo na relação educador/educando é extremamente importante. Portanto há a necessidade dos futuros educadores terem um olhar diferente a respeito desse fator, caso contrário, construiremos apenas informações em indivíduos com pouco senso crítico. Dessa forma educando e educador será valorizado para que haja motivação no processo de aprendizagem e de satisfação de querer crescer sempre.

Para Helena e Barbato (2004) deparamo-nos muito com professor que está sempre preocupado em passar conteúdos, trabalhar conceitos, cumprir com uma meta que lhe é pré-determinado e acaba esquecendo que ele (professor) é o mediador, que faz parte da formação da criança, esta que está em fase de desenvolvimento. E que as interações sociais, o trabalho em equipe, o contato com o outro, são fundamentais para o desenvolvimento.

Essa é uma das preocupações que o educador deve ter para com o educando. E não ser apenas um reprodutor de ensino e conteúdos para que o aluno assimile. É preciso criar e incentivar o exercício da criatividade, levar tanto o docente e o discente a terem um envolvimento de caráter de aprendizado e desenvolvimentista para ambos. Um não existe sem o outro. Para Paulo Freire (1996) ensinar não se restringe apenas a transferir conhecimento, mas proporcionar possibilidades para a sua própria produção ou construção do conhecimento. Tanto o professor como o aluno são sujeitos que criam, se inquietam, são curiosos, e persistentes num processo de construção e reconstrução dos saberes. Assim como Paulo Freire afirma (2005, p. 79), *“ninguém educa ninguém, com tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”*

Portanto é inviável educar alguém apenas com lições de morais, ao que se refere ao ser solidário, democrático, justo. Esses são valores que são construídos com a prática, ao longo de toda a formação do ser humano, sendo impossível a prática desses valores sozinhos, são valores que são desenvolvidos de forma coletiva partilhada.

Todas essas discussões só reforçam a importância do trabalho em equipe, no qual se considera a vivência e a experiência de vida de cada pessoa envolvida no processo.

Nesse sentido é de fundamental importância o docente ter a consciência do ser humano inacabado, que está gradativamente em um processo de aprendizagem que ensina e aprende com educando. Que estimula a curiosidade nos alunos e respeitar o seu tempo, pois cada um tem o seu tempo de aprendizagem, e cada um tem o seu momento e hora certa para se desenvolver na vida.

*“É de extrema valia o professor ter um bom senso de desenvolver sua atividade em sala de aula de acordo com o tempo de seus alunos. Aqueles que não respeitam a curiosidade, o tempo e que obstruem a liberdade do educando transgridem os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência,” (FREIRE, 1996. p. 35)*

O educador deve saber que o respeito à autonomia do educando e a sua identidade é respeitar a dignidade do educando. Querendo ele mudar ou não. Cultivando a humildade e a tolerância para com o objeto de maturação pedagógica e de subjetividade: o aluno.

Por tanto é fundamental a proximidade professor/aluno, pois contribui bastante para o processo de ensino-aprendizagem já que as crianças passam a ter um sentimento de mais segurança, participam mais, confiam mais no mediador e de certa forma se sentem parte do processo de ensino-aprendizagem. Já que são valorizadas, estimuladas, é dada voz em sala de aula e é dada certa autonomia. Desta forma as crianças passam a ver o professor com respeito e, guardada as devidas proporções, um mestre na sua jornada de vida que começa nas séries iniciais.

Para que todas essas mudanças possam, ocorrer e conseqüentemente aconteçam transformações significativas faz se necessário uma educação inovadora que seja pautada nos princípios solidários.

A partir desse quadro teórico sobre a importância da solidariedade que se traduz no respeito, no diálogo, no amor ao próximo e na ajuda mútua vamos apresentar na prática pedagógica algumas imersões educativas.

## **CAPÍTULO 2**

### **EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA**

#### **2.1 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA CLASSE 02 DA CANDANGOLÂNDIA**

Neste capítulo apresenta-se a caracterização do campo de estágio, e as observações realizadas ao longo dos meses de agosto, setembro e outubro de 2011 numa escola pública. Mais precisamente a Escola Classe 02 localizada na Candangolândia/DF. Que tem enfoque em turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (Educação Básica).

As observações aconteceram nas segundas, terças e quartas-feiras com duração de quatro horas a cada dia, já que eu não podia comparecer a semana toda devido a ter que cumprir horário de aula na UnB nas quintas e sextas-feiras no período vespertino e noturno.

Na escola citada acima, vivenciei uma projeção de como é de fato uma sala de aula para crianças de séries iniciais. Foi o meu primeiro adentrar em sala, com o objetivo de entender em que medida a instituição escola contribui, ou não, para o desenvolvimento de ações solidárias. Obviamente seria uma imensa pretensão de minha parte tentar elucidar em apenas poucas observações toda uma sistemática. Contudo, acredito que foram de extrema valia as observações para não cometer no futuro falácias e críticas sem conhecimento pelo menos inicial de como está à realidade atual.

A instituição de ensino dispõe de um espaço físico não muito grande. Mas, o fato da escola não dispor de um espaço grande não atrapalha de forma alguma, as atividades que são desenvolvidas com as crianças. Estas atividades são desenvolvidas com todo o corpo discente da escola ao longo de todo ano letivo, como: Festas juninas, feira-pedagógica e semana cultural. São práticas que envolvem a escola em geral.

São trabalhos desenvolvidos em equipe que proporcionam uma maior proximidade entre as crianças de turmas diferentes e que praticam ações solidárias entre si. Que se unem com objetivos comuns, sempre almejando melhorias para a escola. Sendo importante mencionar que a direção da escola

conta também com a ajuda da comunidade em geral, esta que tem uma participação ativa nos trabalhos.

As observações me permitiram perceber que a relação direção/aluno compartilha muito do diálogo da troca de opiniões. A direção da escola sempre que necessário faz reuniões com as crianças como, por exemplo, quando do informe da chegada das chuvas e os cuidados que temos que ter em casa para evitar a dengue, ou ter cuidado nas horas das brincadeiras para não machucar os colegas e sobre as possíveis reformas que possam vir a acontecer na escola.

Existe essa relação, de ambas as partes, uma está sempre preocupada com a outra, no qual as crianças estão sendo constantemente informadas do que acontece na escola e o que poderá vir a acontecer.

As observações no decorrer das experiências em sala de aula me possibilitaram perceber que as atividades que acontecem na escola favorecem a prática da solidariedade na sala de aula. No momento que se discute a questão da preocupação com a dengue, isso possibilita a criança um pensar coletivo não mais individual. Pois as crianças passam a ter uma preocupação não só consigo mesma, mas também com os seus familiares, seus coleguinhas e seus vizinhos. São atitudes que ajudam a desmistificar a forma egoísta de pensar das crianças, possibilitando um pensar mais solidário e coletivo.

Os trabalhos que são desenvolvidos na escola contam com o apoio do Conselho Escolar. Este que representa a comunidade escolar e local, para cooperar com a direção, para traçar rumos e prioridades na Instituição de ensino. O Conselho Escolar tem como integrantes e representantes: da Diretoria da Escola, dos professores, dos funcionários, alunos e pais. A sua importância é muito relevante, pois é autor fundamental de alterações e transformações no cotidiano da escola. Representa o que a comunidade, tanto escolar e local, avalia como necessária para alcançar os objetivos, debater problemas e buscar soluções.

Outra possível responsabilidade que o Conselho Escolar pode influenciar é a de gerir os recursos repassados, dando destino às áreas mais necessitadas e democraticamente avaliadas como prioridades em votação.



Posteriormente apresentamos a sequência das aulas observadas ao longo do projeto, estas que possibilitaram a realização das intervenções, que serão apresentadas na próxima parte do trabalho.

## **2.2 RELATOS DA OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA**

Nesta parte do trabalho apresentamos as observações das aulas e as oficinas planejadas ao longo do projeto IV, projeto individualizado de prática docente não disciplinar. Este que é o momento do estágio em sua formulação legal, que compreende ao todo 120 horas vivenciada em instituições ensino formal escolar ou não escolar.

Esta etapa da formação nos permite a vivência concreta da prática educativa, entendida como o espaço, a atuação e o tempo de atividade desenvolvida com os alunos, em sala de aula. É o momento que é feito o planejamento da execução e da avaliação do trabalho formativo didaticamente vivenciado num grupo. Este planejado tem que está em sintonia com projeto político pedagógico de cada instituição. Devido a isso é que as observações antecedem a prática das oficinas, pois nos dão uma visão geral do funcionamento da escola, e de como está sendo desenvolvido o trabalho em sala de aula.

Tento como objetivo entender como se dá à relação dialógica e pedagógica entre educador e educando e de que forma essa relação favorece, ou não, o desenvolvimento do educando.

As observações foram realizadas em uma turma de 1º ano, composta com alunos de seis anos de idade, com um total de 28 alunos.

Na primeira observação a professora regente pediu a atenção das crianças. Explicou que eu era estagiária e em seguida deixou que eu me apresentasse. Apresentei-me as crianças, me coloquei a disposição para ajudar, e expus os objetivos que queria alcançar juntamente com elas no período que iria permanecer na turma.

Na sequência passei a palavra para a professora regente, esta que iniciou a aula pedindo às crianças que ficassem atentas ao calendário que tem

colado na porta, e através dele que localizassem o dia da semana, o mês e o ano. A professora estimulava as crianças perguntando como representava cada número apresentado, qual o dia vem após o domingo e assim por diante.

No segundo momento a professora fez a leitura de uma história (O menino que aprendeu a ver). Que traz em sua narrativa a história de um garoto que estava sendo alfabetizado e com a junção das letrinhas começava a pronunciar as primeiras palavras do seu livro didático, a professora fez a leitura bem devagar mostrando as ilustrações que tinham no livro e explicando bem o que se passava a história. Dessa forma proporcionando uma leitura clara e participativa para as crianças.

Terminando a leitura a professora pediu que as crianças desenhassem e por meio desse desenho representasse a história que havia sido apresentada a elas. Escrevendo o nome da história, sempre atentos em colocar o nome do autor que no caso seria Ruth Rocha.

Em seguida teve o intervalo para o lanche. Nesse dia foi ofertado às crianças leite com Nescau. Depois do lanche as crianças voltaram para sala e continuaram com as atividades, a professora chamava uma a uma para escrever algumas palavras que ela ditava. Essa é uma das atividades que as crianças desenvolviam muito bem em sala. A professora fazia a pronúncia de forma que elas identificassem bem os sons e escrevessem tudo certinho. Esta é uma forma que a professora usava em sala de aula para acompanhar o processo de leitura e escrita das crianças.

Logo em seguida, as crianças foram liberadas para a recreação. Este que é um tempo que fica disponível para brincarem hora antes de voltarem para casa. Ao término da recreação as crianças foram levadas para o pátio da escola onde foram posicionadas a espera dos seus pais.

Esta aula teve um resultado positivo, pois a forma como foi ministrada, despertou o interesse das crianças que participaram bastante dialogando com a professora. Só faltou um pouco mais, por parte da professora, incentivar as crianças a realizarem as atividades em equipe, estas que iria proporcionar um maior entrosamento entre elas. Na economia solidária

deve se fortalecer o aprender a trabalhar juntos, constituir a amizade, a confiança e o respeito.

Na segunda observação a professora iniciou a aula novamente pedindo que os alunos se direcionassem para o calendário para fazer a identificação do dia da semana, mês e do ano. Essa é uma das práticas que acontece diariamente em sala de aula, com o objetivo das crianças aprenderem, e não façam apenas a memorização artificial. Deve-se priorizar a aprendizagem significativa e colaborativa.

Logo em seguida a professora fez uma dinâmica com eles (morto-vivo). Com o objetivo de descontraí-las e envolvê-las, deixando-as mais atentas para iniciar a aula.

Como a professora esqueceu-se de pedir que as crianças registrassem o que tinham feito no final de semana, na aula de segunda-feira, pediu que as crianças registrassem na aula de terça-feira. Então foi pedido que as crianças desenhassem bem bonito o que elas tinham feito no final de semana e em seguida escrevessem uma frase para em seguida ser socializado com os demais colegas.

Posteriormente as crianças foram levadas para a sala de vídeo onde se juntaram com a outra turma do 1º ano B, no qual assistiram ao filme “Carros 2”. Ao término do filme as crianças foram levadas para o pátio da escola onde aguardaram a chegada dos pais.

Nessa aula as crianças produziram bastante, ao fazerem o resgate das atividades que foram praticadas ao longo do final semana juntamente com os seus familiares. Essa atividade proposta pela professora em sala de aula foi positiva, pois possibilitou as crianças socializarem com os demais colegas a vivência do final de semana. A turma em geral participou, ficaram sempre atentos na fala do colega e respeitaram a vez de cada falar. A atividade proposta foi bastante positiva, pois permitiu as crianças dividirem as suas experiências, e ouvir a cooperação ao ouvir e respeitar a fala do colega. Enfim nessa aula praticou-se atividade que fortalece os laços solidários.

Em relação ao filme apresentado faltou exploração por parte da professora. As observações permitiram-me perceber que as crianças entendem

a mensagem do filme, ficam conversando baixinho entre elas a respeito do que aconteceu no filme, o que foi legal e o que não foi. Nesse aspecto percebi que a professora deixa a desejar, não há exploração, no sentido de perguntar o que as crianças entenderam, o que o filme quer passar de aprendizagem, qual a moral da história e o que pode acrescentar para a formação das crianças.

Percebi que as crianças são levadas para a sala de vídeo, apenas como uma forma de passa tempo, pois ao termino do filme não se discute nada do que aconteceu. Dessa forma acredito que perde-se muito tempo, é como se o filme fosse uma folha em branco que não contém mensagem nenhuma, e não é bem assim, pois os filmes apresentados são clássicos como; branca de neve, a bela e a fera, banbi e várias outros que sempre por traz das entrelinhas tem uma mensagem significativa para ser discutida.

Outro ponto importante de ser mencionado é a questão da escolha do filme. Percebi que prevalece sempre o desejo das meninas, que querem assistir branca de neve e chapeuzinho vermelho. Os meninos sempre ficam chateados porque poucas vezes assistem filmes que gostam como: homem aranha, os vingadores e outros filmes de ação. Percebi que a questão da escolha democrática em relação à seleção do filme não é trabalhada pela professora em sala de aula, e é necessário para que não haja injustiça em relação à escolha do filme e nenhuma das partes saia se sentido prejudicado, até porque a criança tem que aprender cooperar, e respeitar o desejo do colega, para também ser respeitado nos seus desejos, pois, tais comportamentos fazem parte de uma boa formação para criança.

A observação seguinte foi o da feira pedagógica. Esta que teve várias programações e tinha como tema Magia do Saber 2011.

A feira pedagógica é um conjunto de várias atividades lúdicas que são realizadas a cada ano na escola. Nesta feira são feitas discussões, dramatizações de trabalhos realizados em sala, apresentações de poesias, sarau e história em quadrinhos sendo expostos para toda a comunidade. É um retorno, dos trabalhos que foram confeccionados, e organizados pelas crianças ao longo do ano.

No decorrer do dia foram apresentados vários *stands* interpretados por professores e alunos. As atividades apresentavam um caráter lúdico-pedagógico onde o envolvimento das crianças durante o processo de construção das atividades e montagem dos *stands* promovia na criança maior prazer pela leitura, desenvolvimento cognitivo, psicomotor, além do exercício da partilha.

Cada turma ficou responsável de apresentar um *stand*, não só apresentar, mas confeccionar todo o material necessário e organizar todo o ambiente.

Logo abaixo estão os *stands* apresentados pelas crianças no decorrer da feira-pedagógica.

*Stand 01* Flicts - Uma cor diferente. Não combinava com nenhuma outra. Foi discriminada por todas, mas descobriu sua própria beleza. Trate igual aquele que aos olhos parece ser diferente.

*Stand 02* Severino faz chover- A imaginação da criança que faz de tudo para a chuva cair, nos leva a crer que tudo é possível. E é difícil acreditar que não!

*Stand 03* Viver diferente- Somos iguais nas nossas diferenças? Ou, até nas diferenças somos iguais? Venha descobrir!

*Stand 04* O menino que aprendeu a ver - Descobrir o que significa os sinais foi à decisão de João. A cada descoberta a alegria do aprendizado. Até o dia que todas as letras da palavra fizeram sentido.

*Stand 05* Monteiro Lobato – “Um país se faz de homens e livros”.

*Stand 06* Poemas de Sérgio Caparelli – Entre versos e estrofes, rimos, rimas e repetição surgem divertidos poemas. Participe de um sarau de poemas.

*Stand 07* Azul e lindo: Planeta terra nossa casa – Será que cuidamos bem da nossa casa? Essa que conta no livro? Abraça o planeta com pequenas e simples ações. Venha descobrir as belezas desse planeta único.

Todos os trabalhos apresentados na feira-pedagógica harmonizaram a prática de ações solidária, já que para ser realizada contou com o auxílio de

todas as partes envolvidas: docentes, discentes, direção e toda a comunidade em geral. Todos cooperaram, trabalharam unidos, valores como respeito às diferenças, a questão da igualdade, da justiça, da liberdade do ser humano. Foi discutida sobre a importância de valorizarmos e preservarmos sempre a amizade.

Todos esses trabalhos desenvolvidos na escola para se concretizarem contaram com o auxílio, com a solidariedade, e a cooperação de cada pessoa envolvida. Sendo essa prática fundamental para o desenvolvimento da criança. Esta que em seu cotidiano espelha-se muito nas atitudes vindas dos adultos.

Na sequência das observações a professora ministrou uma aula diferenciada das anteriores. Fazendo as trocas de lugares para amenizar as conversas durante a aula. Em seguida pediu às crianças que se dirigissem a sala de vídeo, onde se juntaram com a outra turma de 1º ano B e assistiram ao filme “A Bela e a Fera”. Findado o filme as crianças foram lanchar e em seguida participaram do recreio.

No retorno a sala de aula, as crianças ouviram a leitura do dia. A professora pedia que as meninas sentassem-se no chão a sua direita e os meninos a sua esquerda e começou a ler o livro “Lindo Rubi” que trás em sua narrativa a história de um gato que se sentia muito feio, e para se sentir bonito, se pintava de várias cores. Pintava-se de acordo com a beleza que via, mas em um belo dia encontrou Esmeralda, e não precisou mais se pintar, pois ela o achou lindo.

Ao término da leitura a professora conversou sobre a história abordada em sala, a discussão centrou-se na questão do respeito às diferenças. Da importância de respeitar o próximo não pelo o que ele é fisicamente, mas pelo seu jeito de ser diante dos demais. E fechou a roda de conversa pedido que as crianças cantassem uma música que conhecessem. Tivemos um total de quatro músicas. A última música cantada foi “A Mariana comeu pão”. À medida que a música ia sendo cantada, as crianças iam falando o nome dos colegas antes, não citados na música.

A música é uma ferramenta muito importante para trabalhar com as crianças, pois as crianças gostam e se envolvem com ela. Neste caso a música

deu uma descontraída nas crianças, já que era final de tarde e elas já estavam cansadas.

Posterior a música a professora pediu às crianças que fizessem um desenho bem bonito que representasse a história que foi socializada em sala. Elas iriam colocar o nome da história e uma frase. Sempre com cuidado de não se esquecerem de colocar no desenho o nome dos autores da história. Esse é um ponto bastante positivo, pois a professora sempre se preocupa que as crianças, desde início, saibam a importância de citar o nome do autor e não plagiar algo que não é da sua autoria.

A aula trabalhada foi bem diversificada. Foi utilizada a música como ferramenta de trabalho e a professora foi bem democrática nesse aspecto, pois deixou que as crianças decidissem entre si o que iriam cantar, ou seja, a professora deu total autonomia para as crianças em sala de aula.

Foi trabalhado também sobre o respeito às diferenças, para isso foi usado um clássico infantil o filme “A bela e a fera”. Com este filme houve a possibilidade de uma discussão consistente a respeito das diferenças. Que o fato de sermos diferentes não nos torna nem melhores nem piores que o nosso próximo somos todos iguais.

## **2.3 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA**

Nesta parte do trabalho apresentamos as oficinas que realizei no estágio supervisionado, realizado no projeto IV. As atividades foram desenvolvidas por mim em sala de aula. Estas que foram pensadas e estruturadas com base nas necessidades da turma e focada na prática de ações solidárias. Tendo como objetivo investigar como este processo acontece no cotidiano escolar e quais os meios favorecem a realização do mesmo.

## Aprender a ouvir



<http://mundoverde.com.br>

O ato de ouvir atentos nos faz entender o mundo, além de descobrir novos caminhos e nos proporciona uma gama maior de conhecimentos. A metodologia utilizada foi à dinâmica e a roda de conversa. A oficina teve como objetivo aprender a ouvir para entender e respeitar a fala do colega.

Essa oficina surgiu da necessidade da sala de aula, percebi que a professora chamava muito a atenção das crianças, devido à conversa constante no transcorrer da aula. As crianças não paravam para ouvir e isso atrapalhava bastante o trabalho em sala, além de ficar um clima chato porque a professora ficava nervosa, perdia a paciência e gritava muito, e era muito freqüente crianças chorando.

Então iniciei a oficina perguntando as crianças quem sabia ouvir? As crianças ficaram caladas. Dei seqüência fazendo uma dinâmica chamada, “fuxico”. Pedi que as crianças se sentassem no chão e me juntei a elas e iniciei a dinâmica falando no ouvido de uma delas a frase “VOCÊ É ESPECIAL” e essa criança passou a frase para as demais. Ao final perguntei o que elas tinham ouvido dos colegas, todas falaram, mas nenhuma das crianças falou a frase correta. Então, aproveitei para conversar com elas sobre a importância de ouvirmos e ficarmos atentos.

Perguntei por que eles não tinham ouvido a frase da nossa brincadeira e alguns responderam por que não estavam atentos, outros por que estavam conversando. Perguntei também o que acontece quando ouvimos o



professor, a mamãe e o papai. Uma criança respondeu que aprende mais. Posteriormente ouvi os relatos dos demais. Estes que queriam falar todo ao mesmo tempo. Procurei sempre a estar chamando atenção para que ouvissem a fala do colega, pois falando todos ao mesmo tempo ninguém iria ouvir e nem entender nada.

A dinâmica foi um sucesso. Todos participaram e gostaram muito. Percebi que as crianças sentem muita falta desse momento lúdico, momento também para eles se expressarem, falarem o que acham e pensam. É importante já que estão num processo de ensino aprendizagem. Fechei a dinâmica repetindo novamente para verificar se eles tinham entendido alguma coisa. Falei novamente outra fase “VOCÊ É MEU AMIGO”. Olhei para o rosto das crianças e todas estavam concentradas e atentas para ouvirem. Nessa segunda tentativa chegamos ao resultado esperado, pois todos ouviram a mesma frase e ao final da dinâmica quando perguntei qual era a frase, era a mesma que iniciei a atividade.

Na segunda parte passei uma música infantil do filme “Rei leão”, que tinha muito sons de animais. O objetivo era que eles ficassem quietos e atentos para ouvirem e identificarem os sons de animais que estavam contidos na música.

Na seqüência perguntei para eles o que eles tinham ouvido, então falaram que tinham ouvido barulho de macaco, elefante, girafa, leão e vários outros animais.

Foi uma experiência positiva porque as crianças entenderam o porquê do tema e a importância desde para a realização das atividades em sala de aula.

Então finalizei pedindo que eles fizessem um desenho que representassem o animal que tinham ouvido no som da música e escrevessem uma frase relacionada com o que tinham ouvido.

Nessa primeira oficina fiquei muito nervosa, afinal de contas era a minha primeira aula, mas consegui realizar como planejei e os resultados foram bastante gratificantes.

## Solidariedade



<http://fabianodinizbraga.spaceblog.com.br>

A solidariedade é uma virtude que trabalha a formação humana e que proporciona a integração do sujeito com os demais, ajudando na harmonia de suas relações sociais. A metodologia de trabalho foi a dinâmica “Contação” de história e roda de conversa. Tendo como objetivo proporcionar na criança o desenvolvimento dessa virtude que a cada dia nos torna pessoas melhores.

Fiz essa oficina porque é o tema que trabalhei ao longo do projeto IV e porque acredito que é muito importante para ser trabalhado com as crianças. Já que percebi que elas, por várias vezes, se comportavam com atitudes egoístas. Eram poucos que se prontificam para ajudar o próximo, mas essa reação é normal nessa idade. Acredito que devemos trabalhar esse assunto com eles desde cedo, para desenvolver um espírito solidário não só em sala de aula, mas em qualquer ambiente que esteja.

Na primeira parte da oficina iniciei fazendo a dinâmica das cadeiras, expliquei para eles que ao invés de retirar uma criança iria retirar uma cadeira, as crianças que fossem se sentando nas poucas cadeiras que restassem, teriam que ajudar a acomodar as demais que estavam de pé (ser solidário). As crianças ficaram tão empolgadas que eu não estava mais conseguindo passar as demais informações. Somente depois com a ajuda da professora regente consegui dar seqüência às atividades.

As crianças gostaram muito da dinâmica, percebi que entenderam o que eu propus. Todos se acomodavam um pouco apertados, mas sempre pensando na acomodação do colega. Na seqüência conversamos sobre a

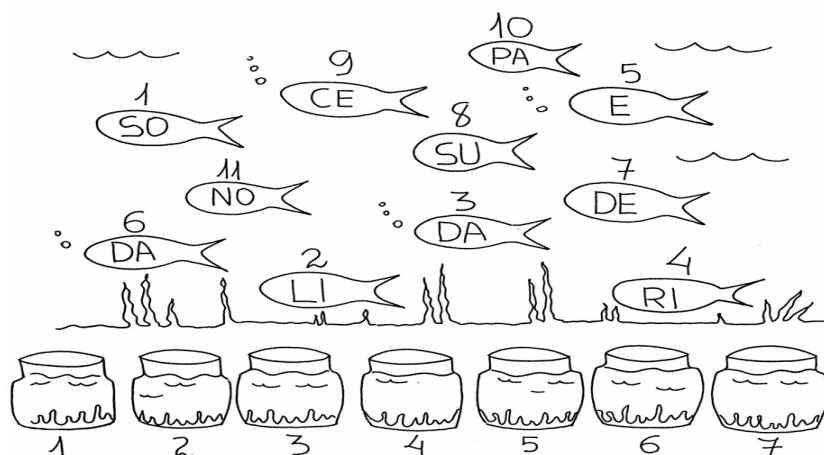
importância de acolher o outro e do trabalho em equipe, e que se não tivéssemos trabalhado unidos um ajudando o outro não seria possível a realização da brincadeira.

Na segunda parte da oficina contei uma história “A Descoberta da Joaninha” que discorre sobre a história de uma joaninha que vai para a festa da Dona Lagartixa. Ela sai toda bonita convidando as demais amiguinhas da floresta, que sempre diziam que não poderiam ir porque não tinham roupas, não tinham dinheiro e nem sapatos. E a joaninha foi tirando tudo que tinha no corpo, todos os enfeites, tudo para ajudar as amiguinhas e levá-las para a festa, e todas foram felizes. Mas chegou um momento que a joaninha percebeu que não tinha nada de enfeite no corpo, mas isso não a deixou triste porque ela estava muito feliz por ter ajudado todas as suas amiguinhas e isso a tornava a mais bela da festa.

Ao término da história sentamos todos no chão e conversamos sobre o ato de solidariedade da joaninha para com os outros animais da floresta e fiz alguns questionamentos a respeito da história. Deixei as crianças relatarem o que acharam, estas relataram a respeito de suas experiências na hora de ajudar, de acolher o próximo, deixei livre para as crianças relatarem suas experiências. Uma criança falou que ajuda a mamãe, outra os animais, outra que ajuda o irmãozinho a fazer a tarefa de casa.

Nessa primeira parte avançamos muito, pois as crianças são muito espertas e entendem muito rápido e isso facilita bastante na realização dos trabalhos.

Na segunda parte distribui para as crianças uma atividade que continha a palavra “**solidariedade**” dividida em sílabas, dentro de peixinhos numerados, no qual eles iriam recortar e colar nos aquários em forma crescente.



- 105 -

Nessa atividade trabalhei um pouco de língua portuguesa e matemática. Essa oficina foi muito bem recebida pelas crianças. Gostaram muito e aprenderam a distinguir o crescente do decrescente.

Enfim essa oficina foi bastante construtiva, pois consegui a participação da turma em geral e discutimos bem a respeito de um tema fundamental para a formação do ser humano.

### Gentileza gera gentileza



<http://www.toaletefeminino.com>

A gentileza é a essência do ser humano, dessa forma devemos preservá-la e praticá-la sempre. O trabalho teve como metodologia “Contação” de história, roda de conversa e atividade. Tendo como objetivo desenvolver na criança a qualidade de ser gentil e proporcionar que a mesma reconheça o ato de ser gentil como algo essencial para nos relacionarmos com os demais.

Resolvi fazer essa oficina porque percebi que as crianças tinham momentos de agressividade uma com as outras.

Na primeira parte da oficina iniciei com a dinâmica da formiguinha (faz de conta). Expliquei para eles que iria passar uma formiguinha, que era muito boazinha e que elas (crianças) tinham que tratá-la muito bem, com muito amor e carinho. Então passei para a criança que estava ao meu lado, que passou para as demais a colocando em qualquer parte do corpo do colega. Lembrado sempre para terem muito cuidado com a formiguinha tratando a sempre muito bem, pois a formiguinha não fazia mal a ninguém, apenas dava carinho. Pedi que todos lembrassem qual a parte do corpo do colega tinham colocado a formiguinha.

Posteriormente expliquei a eles que em cada parte do corpo que tinham colocado a formiga tinham que dar um beijinho. Daí virou bagunça, pois as crianças não queriam beijar os colegas e as meninas não queriam beijar os meninos, nem meninos queriam beijar meninas. Sem contar que algumas crianças foram bem malvadas, pois colocaram a formiga no ouvido do colega, no olho e na boca, então expliquei como deveriam beijar o colega e tudo deu certo.

Em seguida conversamos sobre a importância de não fazermos mal para o próximo, pois o que não queremos para nós não proporcionamos para o outro. Pedi que pensassem nas atitudes de terem colocado a formiga na boca, no olho e no ouvido do colega. Disse a eles que essas atitudes não são legais e que poderia fazer mal para o colega.

Na segunda parte continuei com a “contação” de história “Branca de neve”. Confeccionei máscara para todos. Elegemos uma Branca de neve, um príncipe, uma madrasta e o restante da turma ficaram sendo os anões da história contada. Essa segunda parte foi muito difícil, pois todas as meninas queriam ser Branca de neve e todos os meninos queriam ser o príncipe. Depois toda a turma queria eleger para ser a bruxa uma criança em especial, só pelo fato dela ser negra e ter o cabelo bem crespo. Então chamei a atenção deles dizendo que o que eles estavam fazendo era muito feio e que o preconceito nos torna pessoas desagradáveis. Que a cor da pele não quer dizer nada e somos todos iguais independentes da cor de pele ou não.

Então contei com a ajuda da professora regente para organizar a nossa pequena peça, já que as crianças estavam muito empolgadas e isso estava atrapalhando um pouco a sequência do trabalho.

Depois que todas as crianças ficaram quietas, comecei a ler a historinha. À medida que eu ia fazendo a leitura, os personagens (crianças) iam participando. Finalizei essa segunda parte fazendo alguns questionamentos a respeito da história: porque o caçador não tinha matado a Branca de neve? O que Branca de neve tinha feito na casa dos sete anões? Enfim, discutimos sobre a importância de sermos gentis.

Posteriormente perguntei o que eles tinham achado de serem personagens da história e foi possível perceber que todos adoraram. O resultado foi bastante positivo, pois todos participaram de uma forma bem diferente. Divertiram-se bastante e o melhor de tudo é que entenderam a moral da história.

### **Ajudar o próximo**



<http://kalanosworld.blogspot.com>

Todo ser humano precisa da ajuda do outro e a criança desde muito cedo precisa praticar essa ação que é muito importante para a relação com os demais. Foi trabalhado a contação de história. Tendo como objetivo que as crianças aprendam a ajudar o próximo independente de quem seja.

Iniciei pedindo que as crianças sentassem no chão para ouvirem a história dos três porquinhos. Distribui máscaras de porquinhos para as meninas e de lobo mal para os meninos. Todos viraram personagens da história.

Terminando a história fiz algumas interpretações referentes à história: porque o lobo mal queria destruir a casa dos porquinhos? Ao invés de destruir o que o lobo deveria fazer para ajudar os porquinhos? E as crianças foram falando que o lobo estava faminto e que era egoísta, somente pensando em si mesmo e assim por diante.

Aproveitei o momento da participação das crianças e fui mediando a conversa, instigando eles a falarem mais. Uma criança falou que não é legal sermos egoístas, outra falou que o lobo deveria ser amigo dos porquinhos e ajudá-los. Foi uma atividade, reveladora e produtiva, pois a cada tema trabalhado eles avançavam mais, colaboravam entre si e se envolviam muito.

Na segunda parte finalizei com uma atividade que as crianças iriam olhar para a imagem e fazer a leitura. Em seguida responderiam as questões das situações listadas abaixo:

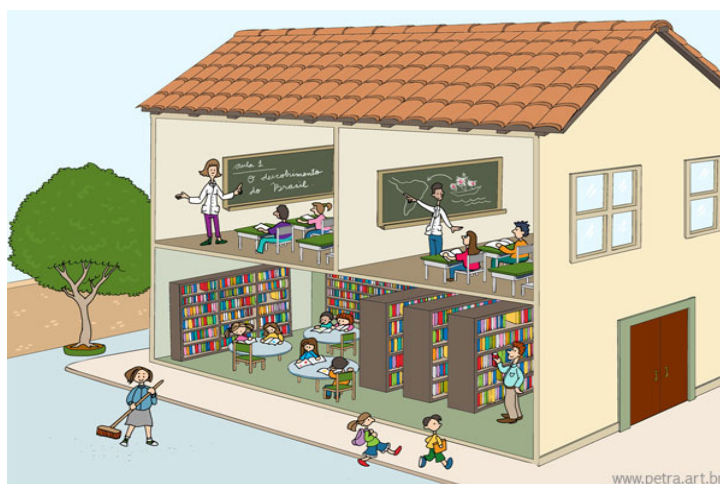
- 1) Uma senhora atravessando a faixa de pedestre;
- 2) Um gatinho em cima da árvore;e
- 3) Uma árvore sem água.

Questões:

- 1) O que o lobo deve fazer para ajudar a senhora que está fazendo a travessia da faixa de pedestres?
- 2) O que o lobo deve fazer para ajudar o gatinho que se encontra no alto da árvore?
- 3) O que os porquinhos devem fazer para ajudar a árvore?

E assim concluímos mais uma oficina. As crianças gostaram muito e foi atingida a meta de que todas as crianças participassem. Discutimos um tema muito importante, não só para o ambiente escolar, mas para toda uma vivência.

## Preservação da escola



<http://germinai.wordpress.com>

Temos que preservar a escola, já que ela não é só nossa, mas também das várias crianças que virão no futuro. Para a concretização do trabalho utilizamos a roda de conversa e fantoches. Tendo como finalidade ensinar as crianças sobre a importância de cuidarmos da escola que é um patrimônio de todos nós.

Inicialmente pedi que as crianças sentassem em círculo e comecei perguntando para elas se gostavam daquela escola. A maior parte das crianças disse que sim, porque na escola brincavam, tinham amigos, aprendiam coisas novas, tinha parquinho e assim por diante.

Posteriormente perguntei como era a escola (bonita, feia, grande ou pequena) então responderam que era bonita. Tinha cores, desenhos, brinquedos, mas outras falaram que era bonita, mas tinha algumas coisas que eram feias. Assim, perguntei o que era feio na escola? Tive a resposta que algumas paredes e mesas estavam riscadas e aproveitando esse gancho falei dos cuidados que temos que ter com a nossa escola, pois ela pertence a muitas crianças, e mesmo que fosse só nossa, ainda não teríamos o direito de destruir. Temos que preservá-la sempre. Para podermos passar para as demais crianças, que virá futuramente, em um bom estado físico, pois a escola é a nossa segunda casa.



Em seguida finalizei pedindo que as crianças fizessem um desenho de sua escola. Para logo após escrevermos um pequeno texto dizendo o que deveria ser feito para preservar essa escola.

Nessa oficina obtive um resultado bastante satisfatório. Resolvi fazer essa oficina porque foi uma necessidade que partiu da própria escola, já que estava sendo um problema geral da escola, tanto que a diretora reuniu todas as crianças da escola para falar sobre o assunto. Sobre os objetos quebrados nos banheiros, bebedouros e paredes riscadas. Portanto, decidi fazer essa oficina porque acredito ser de fundamental importância despertar nas crianças desde cedo alguns cuidados que devemos ter referente ao patrimônio público. Em que elas tenham mais zelo, pois acredito que respeitar o que é público é respeitar o direito do outro.

### **Trabalho em equipe**



<http://alanrossi.wordpress.com>

O trabalho em equipe proporciona um maior entrosamento entre as crianças e contribui para o desenvolvimento delas. Para a realização do trabalho utilizamos o corte e a colagem de papel. Tendo como meta final a prática e o desenvolver de um trabalho em equipe.

Nessa atividade apresentei às crianças um coração bem grande feito com a junção de seis cartolinas. Ele estava todo em branco. Então entreguei para as crianças: revistas, jornais, tesouras e cola. Solicitando que elas

ocupassem todo o coração com pessoas e animais praticando, de preferência ações solidárias.

Logo após realizei alguns questionamentos: o que acharam da atividade proposta? Acham que vão conseguir finalizar? A maior parte das crianças disse que era muito grande e que se todos não ajudassem não iriam conseguir. Nessa fala aproveitei para incentivar a participação de todos.

Ao fim da atividade refletimos sobre a importância do trabalho colaborativo em equipe, de contarmos sempre com a ajuda de nossos colegas e que pensassem o quanto iria demorar se fossem fazer aquela atividade individualmente.

Continuei argumentando que todo aquele coração representava a quantidade de pessoas que viviam no país e que se elas não fossem tão egoístas e que se trabalhasse em equipe tudo no mundo seria mais fácil. Não existiria tanta maldade, injustiça e diferenças sociais. Finalizei falando da importância de trabalharmos em grupo, mas também frisando a importância de cada um fazer a sua parte dentro do grupo.

Foi uma oficina bastante significativa, essa atividade surgiu da necessidade da convivência em sala de aula, já que percebi que as crianças, em certos momentos, eram muito individualistas.

### **Fortalecimento dos laços de amizade**



<http://www.ominutodosaber.com>

O respeito em sala de aula é fundamental para uma boa relação e para a condução de um bom trabalho. Para a realização do trabalho foi utilizado um vídeo infantil do personagem Chaves, o vídeo elucida sobre o valor da amizade. A atividade tinha como objetivo desenvolver o respeito ao amigo e proporcionar o fortalecimento dos laços de amizade.

Essa oficina surgiu da necessidade das crianças em sala de aula, já que presenciei por várias vezes crianças falando palavras de baixo calão (imbecil, otário, chato, idiota, cara de pau e várias outras) para seus colegas.

Levei as crianças para a sala de vídeo e depois que todas se acomodaram coloquei o vídeo. O episódio, do personagem Chaves, tratava do valor da amizade.

Esse episódio aconteceu em uma sala de aula. Na qual o professor Girafales estava ministrando um conteúdo de matemática, então para instigar as crianças a fazerem a atividade, propôs que, quem terminasse a atividade primeiro, iria ganhar um avião. Em seguida saiu para resolver um problema na secretária. Outros personagens da história como a Chiquinha, o Nonho, o Quico, o Chaves e as demais crianças ficaram todos concentrados fazendo a tarefa, pois todos queriam ganhar o prêmio, mas o Nonho como queria ganhar o avião sozinho fez trapaças e jogou um papel na cabeça do Chaves. Entregando posteriormente um bilhete para o Chaves dizendo que quem tinha jogado o papel tinha sido o Quico. A sala virou de pernas para o ar porque todos começaram a brigar e jogar papel nos demais e enquanto isso o Nonho fazia toda a tarefa para terminar primeiro. Foi quando o professor Girafales chegou à sala e todos estavam brigando. Por conseguinte não tinham feito nada, porém o Nonho fez a tarefa, e obviamente iria ganhar o prêmio, mas logo em seguida o professor achou o bilhete do Nonho e descobriu toda a verdade e ninguém ganhou o avião.

O recreio chegou e como todos estavam brigados uns com os outros, ficaram todos sozinhos chateados e tristes sem ninguém para brincar. Mas na sequência o Chaves encontrou uma garotinha que era nova na escola, que perguntou por que ele estava triste. Ele falou que tinha brigado com os seus amigos. Depois de muita conversa a garota saiu com Chaves fazendo as

pazes com o restante da turma. Estes que voltaram a brincar juntos novamente e prometeram que nunca iriam brigar novamente.

Ao fim do vídeo levei as crianças a refletirem sobre a relevância de cuidarmos dos nossos amigos e fui instigando eles a falarem o que tinha acontecido naquele episódio. Aproveitei e falei que não podemos fazer mal para os nossos amigos, porque se brigamos, batemos e falamos palavras feias os deixamos tristes e dessa forma não vão mais querer ser nossos amigos. Devido a isso devemos cuidar dos nossos amigos e dar muito amor e carinho.

Após pedi que eles fizessem uma atividade. Eles iriam formar um pequeno texto com palavras soltas e enumeradas. Iriam recortar e colar. Ao fim formaria um texto que tratava da amizade.

Terminando essa atividade, finalizei com outra. Levei um coração para cada aluno. Cada um iria colorir e escrever uma frase para um amigo da sala de aula e fazer a troca de mensagens. Dessa forma concluímos mais uma oficina. E essa oficina foi muito instrutiva e atingiu sua finalidade, pois percebi que as crianças gostaram bastante e aprenderam muito com o tema do dia.

## Resgatando tudo que foi trabalhado



<http://www.trollada.com>

Precisava verificar como as crianças receberam os temas trabalhados e se gostaram ou não. Para isso utilizamos a roda de conversa para discutir os temas trabalhados com o objetivo de resgatar tudo que foi apresentado ao longo do semestre.

Essa oficina foi um fechamento de tudo que foi trabalho ao longo do percurso. Nessa oficina devolvi os portfólios que elas tinham confeccionado, pois cada atividade que era desenvolvida nas oficinas era anexada ao portfólio.

No decorrer das oficinas sempre deixei as crianças relatarem a respeito das oficinas, o que acharam e se gostaram ou não. Esse foi um ponto positivo, pois as crianças participaram em geral e passaram a se envolver mais nas atividades propostas.

Na seqüência sentamos todos no chão e expliquei a eles que estava terminando o meu período lá e que estava muito feliz pela experiência vivida com eles.

Posteriormente desenvolvi uma dinâmica com bombons, na qual trabalhamos com alguns adjetivos. Em seguida perguntei para as crianças o que elas tinham achado das oficinas, pedindo que cada criança pegasse seu

portfólio e escolhesse um dos temas que foi trabalho. Socializando com os colegas o que gostou mais e o que aprendeu. Todas as crianças relataram sobre algum tema e a minha satisfação foi imensa, pois percebi que eles aprenderam muito, recebi o retorno de todo o meu esforço e isso é muito gratificante.

## **2. 4 PROPOSIÇÕES DE MELHORIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Tive a certeza que há a necessidade dos nossos educadores discutirem a questão dos valores humanos como condição necessária para a construção de uma sociedade inclusiva e solidária.

A vivência na Universidade, a teorização, todas as discussões ao longo de todo o curso, mais a experiência na escola me proporcionou chegar à conclusão que o educador tem que estar sempre buscando mais conhecimento. Aperfeiçoando-se a cada dia, numa educação continuada para poder dar conta das diversas situações que surgem no cotidiano. Pois o que nos dá um suporte maior para lidar com as diversas situações são as trocas de experiências com o outro, as vivências. Esta última que nos possibilitam refletir o que pode e o que deve ser melhorado ao longo do trabalho.

Acredito que para haver mudanças e que sejam significativas em nossa educação é preciso superar muitas questões que nos impedem de finalmente chegarmos a uma educação libertadora. Vislumbrando um educando como sujeito da história, ou seja, que considera o conhecimento já existente e que parte da realidade concreta do sujeito. Este é o ensino que tem o poder de mudar os rumos da nossa educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho, chega-se a conclusão da importância da solidariedade no que concerne o ambiente escolar. Ambiente este que é formado por uma grande quantidade de pessoas. Cada uma delas com uma forma de ser e pensar diferente e que tem as suas especificidades que devem ser respeitadas. A missão de educar não se restringe apenas a passar conteúdos e trabalhar conceitos. O processo de educar vai muito além disso, pois requer uma educação completa, proporcionando ao educando um senso crítico que ajudará na relação e socialização com os demais.

Em nossa sociedade existe a necessidade de uma educação voltada para valores como: diálogo, justiça, respeito mútuo, amizade, solidariedade e a tolerância, pois tais valores proporcionarão no educando um agir em prol do outro e do bem comum.

Nesse aspecto faz-se necessário uma luta constante pela divulgação e respeito aos direitos humanos. Sendo fundamental a inserção dos valores éticos e morais nos currículos escolares. Educar para solidariedade não é apenas trabalhar os conceitos dessas palavras, mas contribuir para que as crianças pratique-as desde de muito cedo e aprendam a conviver com esses valores. Independente da situação que estejam, e que tenham a consciência que ser solidário não é apenas ajudar a quem precisa, ou pegar algo que já não tem mais utilidade e passar para alguém que não tem. Mas ser, um ser solidário completo em todos os sentidos, no falar, no ouvir, nas atitudes, enfim, no modo de ser e fazer com os demais.

Este curto período que estive em sala de aula me proporcionou refletir um pouco sobre a prática de professor em sala de aula. Os docentes precisam estar prontos para inovar e lidar com as situações mais diversas da sala de aula.

Portanto aprendi que todas as dificuldades, todos os erros são pontos que podem ser vistos como positivos, já que é uma chance, uma oportunidade de melhorar no futuro e não continuar no mesmo erro. Para mim, como futura pedagoga, todas as experiências foram bastante positivas, pois

aprendi muito com as crianças, com os docentes que tive contato, com as situações em sala de aula e com a realidade vivida na instituição escola. Foram experiências que só vieram a contribuir para o meu crescimento e fomentaram minhas ações como futura docente.



## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31 ed. SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em:

<<http://www.fbes.org.br>> Acesso em 06 de maio de 2012.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como Prática Pedagógica: Educar para a cooperação**. ed,L. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire,2009.

GALVÃO, I. Henri Wallon: **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**, RJ, Ed. Vozes, 1995. Disponível em: <<http://carloscouto.weebly.com/uploads-izabel-galvão-heri-wallon>> Acesso em 20 de Fevereiro 2012

HELENA, Lucia; BARBATO, Silviane. **Fundamentos de Desenvolvimento e da aprendizagem**. Brasília: CEAD, 2004.

KRUPPA, Sonia M. Portella. **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Inep, 2005. p.104.

LAVILLE, J. L. **Dicionário Internacional da outra Economia**. São Paulo: Almedina, 2009.

PINTO, I. M. J; CHAVES, D. F. **Economia Solidária como alternativa de desenvolvimento regional**. T&C Amazônia, Ano V, Número 10, Fevereiro de 2007.

SINGER, Paul Israel. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo 2002.

VYGOSTSK, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZOOL, Rainer. **O que é solidariedade**. Ijuí: Unijuí, 2007.

## ANEXOS

A disposição está algumas fotos da escola.



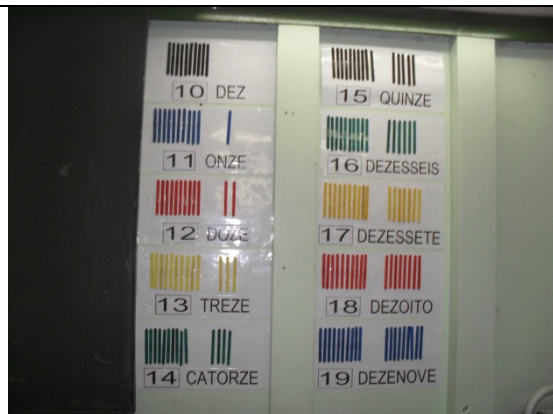
Sala de aula 1º ano A



Painel de Aniversariantes



Sala de aula 1º ano A



Sala de aula 1º ano A



Sala de aula 1º ano A

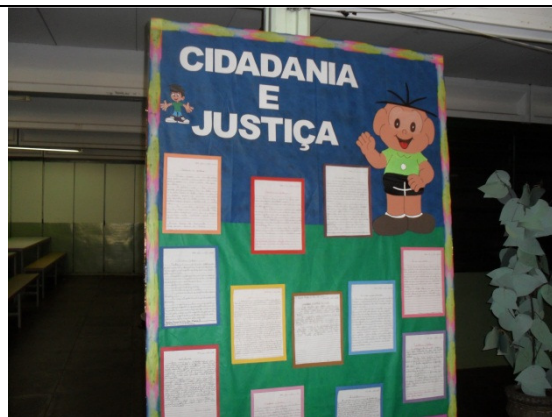


Pátio da Escola Classe 02





Pátio da Escola



Painel confeccionado pelas crianças



Painel confeccionado pelas crianças



Parquinho da escola



Parquinho da escola



Painel com desenhos

**TERCEIRA PARTE**  
**PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS PESSOAIS**

Concluir o curso de pedagogia é uma conquista bastante significativa, já que para chegar a esse nível tive que superar vários obstáculos. Estes que só vieram a acrescentar e contribuir para o meu crescimento pessoal e profissional.

Vislumbro a continuação dos meus estudos, pretendendo fazer uma especialização na área de educação infantil, almejo também me dedicar aos concursos públicos, esse que é um dos motivos que me fizeram adiantar o curso. Para assim, conseguir a tão sonhada aprovação. E agora mais do que nunca preciso dessa conquista. Sei que não vai ser fácil essa nova etapa da minha vida, mas tenho um objetivo maior que é proporcionar, na medida do possível, um futuro melhor, diferente do meu, para a “princesinha” (Ana Luiza) que está chegando.

Sei que os obstáculos serão muitos, mas tenho motivos suficientes para vencê-los.